

## APRESENTAÇÃO

Ana Elisa Ribeiro\*

Marcelo El Khouri Buzato\*\*

O dossiê que ora apresentamos tem como eixo um tema que bem poderia ser etiquetado como “informática na educação”, já que a expressão é conhecida de pesquisadores e professores interessados no assunto. “Informática educativa”, porém, não expressa tão fielmente quanto gostaríamos o fato de que os textos reunidos neste dossiê tratam educação, linguagem e tecnologia como temas inexoravelmente interfaciados. Em outras palavras, o dossiê não trata de um “tipo de informática”, nem de um “tipo de educação”: trata de como educar para e com a informática, enquanto linguagem de uma cultura emergente.

Justamente porque incide sobre esse espaço de relações entre campos, em si mesmos já complexos, quais sejam, linguagem, educação e tecnologia, nossa seleção não pretende, nem poderia pretender, representar uma totalidade. Trata-se, ao contrário, de uma entre diversas possibilidades de reunir textos que, conectados entre si, abrem possibilidades de acesso a outros e a infinitos textos e percursos nesse mesmo espaço temático.

Nosso dossiê é o resultado das contribuições de alguns dos convidados do III Encontro Nacional sobre Hipertexto, ocorrido no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), em outubro de 2009. O evento contou com o apoio da Associação Brasileira de Estudos do Hipertexto e Tecnologia Educacional, então sob a presidência do prof. Antônio Carlos Xavier (UFPE), e com o financiamento da Fapemig, da Capes e do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de

---

\* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). *E-mail:* anadigital@gmail.com

\*\* Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor do Departamento de Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). *E-mail:* marcelo.buzato@gmail.com

Minas Gerais (CREA-MG). Os organizadores do Hipertexto 2009, como o encontro foi apelidado, eram professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, do departamento de Linguagem e Tecnologia e de alguns programas de pós-graduação parceiros, como o de Estudos Linguísticos e o de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e o de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O Hipertexto 2009 teve um formato diferente do de seus antecessores. Em Belo Horizonte, ocorreram três conferências, várias mesas-redondas, diversos minicursos (apelidados de nanocursos, pois duravam algumas horas), a Taba Eletrônica e 17 Grupos de Discussão cujos temas abrangeram relações entre tecnologias e ensino, pesquisa, literatura, linguagem e produção editorial. Mais de 600 pessoas participaram das discussões, apresentaram trabalhos e os debateram nos GDs.

As conferências (de abertura, intermediária e de encerramento) foram marcantes. A primeira, proferida pela pesquisadora australiana Ilana Snyder, tratou do passado, do presente e do futuro dos estudos do hipertexto. Virgílio Almeida, professor da Ciência da Computação da UFMG, fez a conferência intermediária, na qual tratou de aspectos da internet e do hipertexto que já se encontravam em textos literários de autores como Borges e Bioy Casares. No encerramento, Heloisa Collins, professora da PUC-SP e pioneira do ensino de línguas on-line no Brasil, falou sobre o design de cursos em ambientes virtuais de aprendizagem e sobre os rumos da educação a distância via web. O texto-base da conferência de abertura, de Ilana Snyder, representa bem o tom das discussões travadas no evento e, por isso, o traduzimos e trazemos para abrir nosso dossiê.

Debates ocorridos em mesas-redondas também geraram frutos, alguns dos quais estão aqui reunidos em forma de textos. Começamos o percurso que conecta esses textos com o artigo de Marcelo El Khouri Buzato, docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. “Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0” aborda os novos letramentos/letramentos digitais dentro e fora da escola, de uma perspectiva crítica, discutindo as implicações de diferentes dinâmicas de apropriação tecnológica para um modelo de apropriação pedagógica das tecnologias digitais. O texto seguinte, “Redes colaborativas, ética hacker e educação”, traz a proposta de Nelson Pretto, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sobre pensar a

escola como um espaço de produção aberta e em rede, e discute as implicações éticas desse movimento, estabelecendo, dessa forma, um link explícito com o texto de Buzato.

Recuperando o tema do choque entre a cultura do impresso e a cibercultura apresentado por Snyder, e especificando sua relevância para a situação concreta da educação no Brasil, Ana Elisa Ribeiro e Carla Viana Coscarelli, respectivamente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG e da Faculdade de Letras da UFMG, tecem reflexões sobre a leitura em tempos de mídias digitais em relação às matrizes de habilidades empregadas em avaliações oficiais de larga escala, tais como o Saeb ou o Enem. O foco das autoras é a matriz de Língua Portuguesa do Saeb, que, para elas, ainda avalia apenas habilidades da cultura impressa, desconsiderando o relevância, para a formação das gerações avaliadas, das interfaces digitais por meio das quais esses sujeitos expressam e renovam seu pertencimento à cultura escrita e à cibercultura.

Assim como na avaliação dos alunos, tratada por Ribeiro e Coscarelli, também na formação dos professores as tensões entre tecnologias digitais e o espaço escolar necessitam ser reconhecidas e tratadas de maneira sensível e positiva. É essa a proposta de Maria Teresa de Assunção Freitas, da Faculdade de Educação da UFJF, no texto intitulado “Letramento digital e formação de professores”. Tal tensão, entretanto, não se limita ao espaço da sala de aula tradicional: invade também espaços educacionais institucionalizados de outra natureza, tais como os ambientes virtuais de aprendizagem, abordados por Vera Menezes de Oliveira e Paiva, da Faculdade de Letras da UFMG, no texto “Ambientes Virtuais de Aprendizagem: implicações epistemológicas”. Ao apresentar diferentes ambientes de aprendizagem virtuais em uso atualmente e explicitar as concepções de educação e aprendizagem que a eles subjazem, Vera Menezes propõe uma reflexão sobre experiências educativas em que o professor “sai do palco”, apontando as repercussões desse movimento para as subjetividades de professores formados e em formação.

Explorando, como os demais textos, o problema da conexão necessária, porém conflituosa, entre espaço físico/cultura do impresso e espaço virtual/cultura digital, mas fazendo-o do ponto de vista do aluno que estuda “remotamente”, Eduardo Junqueira, da Universidade Federal do Ceará (Instituto UFC Virtual), apresenta “Conteúdos hipermodais

para fins de aprendizagem: Usos em contexto pelos alunos”. Fruto de uma pesquisa em que o autor registrou e analisou, por meio de métodos etnográficos, os usos de materiais didáticos hipermodais, disponibilizados em ambientes virtuais de aprendizagem, por alunos residentes em polos avançados, no interior do país, o trabalho de Junqueira mostra que os alunos formulam práticas letradas voltadas para sua aprendizagem que superaram a dicotomia impresso/digital, ao utilizarem conteúdos de ambas as naturezas, “em rede”.

Em “Interação virtual e a autoria de artigos científicos: nos bastidores da produção acadêmica”, que fecha o dossiê, Júlio César Araújo e Messias Dieb, dos institutos de Letras e de Educação da Universidade Federal do Ceará, respectivamente, focalizam a construção da autoria pelos alunos em um gênero acadêmico especialmente desafiador: o artigo científico. Os autores retomam, de certa forma, a temática e o ponto de vista abordados no trabalho de Junqueira, mostrando que, ao utilizarem fóruns na web para ajudarem-se mutuamente na produção de seus artigos individuais, os alunos produziram experiências mais significativas de aprendizado acadêmico, hibridizando o impresso e o digital, assim como as dimensões técnica, cultural e afetiva envolvidas na produção de textos na universidade.

Este conjunto de apenas oito trabalhos certamente está longe de representar a produção atual sobre as implicações das tecnologias digitais para a educação e a linguagem no século XXI, mas consideramos que, em alguma medida, ele demonstra que a produção brasileira na área é qualitativamente significativa e caminha em direção a visões ampliadas da tecnologia, isto é, para pensar tecnologia enquanto algo que agrega técnicas, saberes, valores, usos, conflitos e subjetividades, sendo esse apenas um dos sentidos em que ela está inexoravelmente ligada à linguagem e à educação. Podemos dizer que estas páginas (impressas ou digitais), assim reunidas e postas em sequência, são apenas um dos possíveis percursos na trama hipertextual que o III Encontro Nacional sobre Hipertexto representou (ou à qual deu continuidade). O leitor deste dossiê está convidado a inserir todos os outros links que achar devidos e pertinentes.